



São João da Cruz e Raul Seixas: diálogos entre Poesia e Teologia

St. John of the Cross and Raul Seixas: dialogues
between Poetry and Theology

*Emerson Sbardelotti Tavares**

Recebido em: 04/04/2020. Aceito em: 19/05/2020.

Resumo: *Dentro das categorias da Música Popular Brasileira, o Rock Brasileiro tem um “antes” e um “depois” de Raul Seixas, que é tido por muitos como o inventor do rock brasileiro. A inquietude de sua música e a beleza de suas letras beiram à profecia, são construídas a partir de intuições de alguém que analisa a realidade sem abrir mão de ser fiel ao que está experimentando, auscultando e enxergando. O método utilizado para este artigo foi o da pesquisa bibliográfica e da discografia de Raul Seixas e do livro traduzido por Dora Ferreira da Silva: A Poesia Mística de San Juan de la Cruz. Neste artigo, o objetivo é apresentar uma reflexão entre a letra da canção Água Viva, do álbum Gita, com o poema de São João da Cruz: Cantar da Alma que se regozija de conhecer a Deus pela Fé. O artigo busca entender como um artista popular pode ser útil e necessário para uma Teologia em diálogo com a Poesia e com a Literatura. O resultado esperado é que mais pessoas possam conhecer tanto a obra de Raul Seixas como a de São João da Cruz. Esse mistério divino é seu aliado na busca da felicidade. Ao cantar uma mensagem profundamente permeada de vida, em uma realidade de morte, sua voz e os acordes de sua guitarra vermelha espalharam os ares da liberdade, que acompanharia os anseios do povo brasileiro até o ano de 1985.*

Palavras-chave: *Raul Seixas. São João da Cruz. Teologia. Poesia.*

Abstract: *Within the categories of Brazilian Popular Music, Brazilian Rock has a “before” and an “after” Raul Seixas, he is considered by many to be the inventor of brazilian rock. The restlessness of his music, the beauty of his lyrics, which*

* Doutorando em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP). Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2016). Especialização em Gestão Ambiental e Sustentabilidade, ISEAC, ISEAC-PROV, 2014). Graduado em Turismo (Faculdade de Turismo – FACTUR – de Guarapari, ES, 1996). Graduado em História (Centro Universitário São Camilo – CUSC – ES, 2010). Graduado em Teologia (Instituto de Filosofia e Teologia da Arquidiocese de Vitória – IFTAV – Vitória, ES, 2012). Bolsista Capes.

E-mail: sbardelottiemerson@gmail.com





border on prophecy, built from the intuitions of someone who analyzes reality without giving up being faithful to what he is experiencing, listening and seeing. The method used for this article was that of Raul Seixas' bibliographic research and discography and the book translated by Dora Ferreira da Silva: The Mystical Poetry of San Juan de la Cruz. In this article, the objective is to present a reflection between the lyrics of the song Água Viva, from the Gita album, with the poem of St. John of the Cross: Singing of the Soul that rejoices to know God through Faith. I try to understand how a popular artist can be useful and necessary for a Theology in dialogue with Poetry and Literature. The expected result is that more people can get to know both Raul Seixas' and St. John of the Cross works. This divine mystery is your ally in the pursuit of happiness. When singing a message deeply permeated with life, in a reality of death, his voice and the chords of his red guitar spread the air of freedom, which would accompany the desires of the Brazilian people until 1985.

Keyword: Raul Seixas. St. John of the Cross. Theology. Poetry.

Introdução

Raul Santos Seixas nasceu em Salvador, na Bahia, no dia 28 de junho de 1945, filho de Maria Eugênia dos Santos e Raul Varela Seixas; faleceu em São Paulo, aos 44 anos, no dia 21 de agosto de 1989. Produtor musical, cantor e compositor brasileiro, Raul Seixas é considerado um dos pioneiros do rock brasileiro. Suas alcunhas: *Raulzito; Maluco Beleza e Pai do Rock Brasileiro.*

Destacam-se os 17 álbuns de estúdio¹ que gravou entre 1968 e 1989, nos quais Raul Seixas apresenta uma obra consistente, de elevada rebeldia estética-cultural, sócio-política, mantendo-se originalmente hodierna. A simbiose entre Luiz Gonzaga e Elvis Presley, a partir do viés filosófico e poético, consagra-o como um formador de opinião atemporal. A rebeldia inteligente, presente nas letras que compôs sozinho ou em parceria, não passa despercebida nos momentos de grande tensão da sociedade brasileira, fazendo-se presente nos meios de comunicação social.

¹ *Raulzito e Os Panteras* [com Os Panteras] (1968, EMI-Odeon); *Sociedade da Grã-Ordem Kavernista apresenta Sessão das Dez* [com Sérgio Sampaio, Miriam Batucada, Edy Star] (1971, CBS); *Krig-ha, Bandolo!* (1973, Philips); *Os 24 Maiores Sucessos da Era do Rock* (1973, Philips); *Gita* (1974, Philips); *Novo Aeon* (1975, Philips); *Há Dez Mil Anos Atrás* (1976, Philips); *Raul Rock Seixas* (1977, Philips); *O Dia em que a Terra parou* (1977, WEA); *Mata Virgem* (1978, WEA); *Por Quem os Sinos Dobram* (1979, WEA); *Abre-Te Sésamo* (1980, CBS); *Raul Seixas* (1983, Gravadora Eldorado); *Metrô Linha 743* (1984, Som Livre); *Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-Béin-Bum!* (1987, Copacabana); *A Pedra do Gênesis* (1988, Copacabana); *A Panela do Diabo* [com Marcelo Nova] (1989, WEA).



Extraordinariamente, Raul Seixas vem sendo regravado por inúmeros artistas e cortejado por pessoas de várias idades. Em sua obra encontramos: rock and roll, rockabilly, country rock, baião, rock psicodélico, folk, folk rock, MPB, blues. Além de Gonzaga e Presley, era influenciado por Little Richards, Chuck Berry, Jerry Lee Lewis, Frank Zappa, Led Zeppelin, John Lennon e Bob Dylan. Sua poesia é direta e certa, amorosa e ácida, luminosa e sombria, incomoda na medida correta, não permitindo ficarmos inertes ante os rumos da sociedade e da história.

Dentro das categorias da Música Popular Brasileira, o Rock Brasileiro tem um “antes” e um “depois” de Raul Seixas, que é tido por muitos como o inventor do rock brasileiro. A inquietude de sua música e a beleza de suas letras beiram à profecia, são construídas a partir de intuições de alguém que analisa a realidade sem abrir mão de ser fiel ao que está experimentando, auscultando e enxergando; nos aproximam da *Pedagogia do Oprimido* (Paulo Freire) e de *As Veias Abertas da América Latina* (Eduardo Galeano); saltando-nos os olhos no cenário caótico e aterrorizante da ditadura militar no Brasil que fez tantas vítimas e mártires, que perseguiu e banuiu artistas, inclusive, o próprio Raul Seixas, por pensar e agir diferente do que era imposto pelo regime autoritário.

Carlos Eduardo B. Calvani diz que Raul Seixas é a mosca que pousou na sopa da MPB:

Na década de 70, um baiano estudante de filosofia e interessado em esoterismo acaba por tornar-se, de fato, o mais legítimo representante do rock nacional. Trata-se de Raul Seixas. Sua primeira aparição foi no Festival da Record em 1972, com uma proposta inusitada, tipicamente antropofágica: unir o rock americano ao baião de Luiz Gonzaga. Na trilha aberta pelo Tropicalismo, Raul Seixas ousou inscrever num festival de MPB uma canção com título em inglês (“Let me sing”), que misturava harmoniosamente guitarra elétrica, triângulo e sanfona. Posteriormente, em seu primeiro LP, Raul Seixas insistiria no experimentalismo com a canção “Mosca na Sopa”, cujo refrão é um rock pesado e as estrofes são cantadas em ritmos de candomblé acompanhadas por berimbaus e atabaques. A música servia como apresentação do artista: Raul Seixas se autodenominava a mosca que pousou na sopa da MPB, a mosca que “perturba o sono” e sacode da letargia pela presença incômoda. Sua fotografia na capa do LP também era sugestiva: o esquelético cantor, descabelado, barbudo e de dorso nu, abria os braços como se estivesse crucificado ou talvez tentando imitar um inseto em voo. Desde então, a música de Raul Seixas passou a chamar a atenção devido as suas



constantes referências religiosas e à sutil crítica social ao padrão de vida burguês proposto pelo milagre brasileiro.

[...] Apesar de nunca ter sido um artista que frequentasse regularmente os programas de televisão, Raul Seixas conquistou uma legião fiel de admiradores. Possuía tamanho carisma e capacidade de identificação com seu público, que nunca precisou implorar por espaço na mídia a fim de divulgar seus discos. Mesmo após sua morte, a legião de fãs continuou a crescer, a ponto de seus CDs nunca saírem de catálogo e serem constantemente relançados. É grande o número de jovens que conhecem “de cor” letras escritas no início dos anos 70, quando ainda nem haviam nascido. Em 1989, aos 44 anos, ele que se proclamou “maluco beleza”, embarcou no trem das sete e foi morar definitivamente no mundo da lua. Após sua morte, casas de cultura, parques ecológicos em São Paulo e ruas em Salvador foram batizadas com seu nome; livros foram lançados por fãs e estudiosos da cultura, abordando a profundidade de suas letras, capazes de dizer com simplicidade aquilo que ficava guardado na alma de muitos²

Neste artigo, o objetivo é apresentar uma reflexão entre a letra da canção *Água Viva*, do álbum *Gita*, com o poema de São João da Cruz: *Cantar da Alma que se regozija de conhecer a Deus pela Fé*; tento apresentar como um artista popular que pode ser útil e necessário para uma Teologia em diálogo. Vale pontuar que dentro do diálogo entre Teologia e Poesia, Teologia e Literatura, poder refletir sobre a contribuição e importância de Raul Seixas para uma mudança de comportamento e pensamento no atual momento da sociedade brasileira é manter viva a luta por liberdade de expressão e a defesa da vida. Aproveito para homenagear Raul Seixas, que em 2019 completou 30 anos de sua morte.

1 O Início, o Fim e o Meio

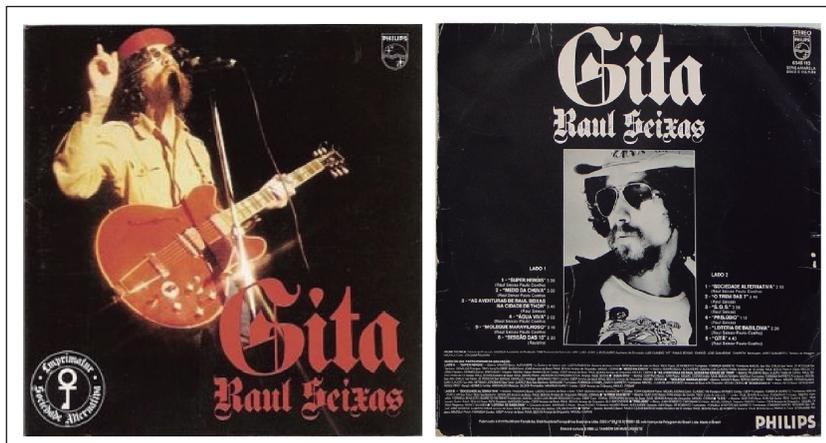
Gita – Raul Seixas, de 1974, produzido por Marco Mazzola, é o terceiro álbum gravado pela Philips, hoje Universal Music. O disco tem duração de 33min42seg, com 12 canções. O formato em CD saiu em 2002. Raul Seixas em todo o disco tocou piano, violão, guitarra e fez alguns arranjos. Os músicos convidados: Luis Cláudio, Rick Ferreira, Tony Osanah e Alexandre: *Guitarra*. Alex Malheiros, Luizão, Ivan, Sérgio Barroso, Juan Roberto Capobianco e Paulo César Barros: *Baixo*. Mamão, Paulinho e Gustavo Schroeter: *Bateria*. José Roberto Bertrami,

² CALVANI, Carlos Eduardo B. *Teologia e MPB*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 212-213.



Miguel Cidras e Jay Vaquer: *Teclado*. Neco e Tony Osanah: *Violão*. Miguel Cidras: *Orquestração*. Orquestra da Philips: *Instrumentos diversos*.

Gita é o álbum de maior sucesso da trajetória musical de Raul Seixas, alcançando a marca de 600 mil cópias vendidas, rendendo ao artista o seu primeiro Disco de Ouro. Foi um sucesso monumental de execução radiofônica, obrigou o governo do ditador Ernesto Geisel a interromper o exílio imposto aos compositores e suas esposas nos Estados Unidos e trazê-los de volta para não levantar suspeitas sobre o seu desaparecimento³.



Jairo Severiano e Zuza Homem de Mello afirmam:

“Gita” inspira-se na “Bhagavad-Gita” (“A Canção do Senhor”), que faz parte do Mahabharata e é considerado o mais importante texto sagrado do Hinduísmo. O poema milenar trata de um diálogo do Senhor (Krishna) com o guerreiro Arjuna que – num momento de desespero por ter de combater seus próprios irmãos – o interpela sobre sua existência divina. Vem daí o tema da canção, desenvolvido em dezenas de versos afirmativos: “Eu sou a luz das estrelas / eu sou a cor do luar / eu sou as coisas da vida / eu sou o medo de amar / [...] / Eu sou, eu fui, eu vou / (Gita, Gita, Gita, Gita, Gita) / eu sou o seu sacrifício / a placa de contramão / o sangue no olhar do vampiro / e as juras de maldição / eu

³ Confira a entrevista dada por Raul Seixas a Pedro Bial na cinebiografia *Raul: O Início, o Fim e o Meio*, de 2012, dirigido por Walter Carvalho e produção de Denis Feijão, com montagem de Pablo Ribeiro e roteiro de Leonardo Gudel baseado na vida e obra de Raul Seixas, duração de 120 minutos, lançado em 23 de março de 2012. O título do filme alude aos versos finais da canção *Gita*, composta por Raul Seixas e Paulo Coelho.



sou a vela que acende / eu sou a luz que se apaga / eu sou a beira do abismo / eu sou o tudo e o nada...”. A composição é cantada por Raul de forma vigorosa, em tempo de rock, sustentada por um arranjo que procura criar um clima de mística suntuosidade. O sucesso de “Gita” proporcionou ao Maluco Beleza o seu primeiro disco de ouro. Anos depois, ele a relançou em inglês com o título de “I Am”⁴.

Antonio Manzatto argumenta:

Esta é uma canção que fez muito sucesso em outras épocas e que não é muito comum a gente ouvir no rádio de hoje em dia, muito menos numa rádio católica. Mas ela pode nos ajudar a pensar muitas coisas. Trata-se de uma canção diferente, um rock com uma letra que nos questiona porque não sabemos direito do que se fala. Tem certo sabor oriental, bem ao gosto dos anos 70, e que faz pensar sobre as divindades do mundo hindu, Índia. O próprio título da canção nos ajuda a entender o que e de que ela está falando. E as palavras não estão simplesmente colocadas uma ao lado da outra, elas formam uma ideia, uma maneira de ver o mundo, uma maneira de crer. A canção Gita faz alusão a um dos textos sagrados da cultura Védica, originária da Ásia Menor, o “Bhagavad-Gitâ”. A canção, faixa-título, é considerada uma obra de arte na opinião dos admiradores de Raul Seixas, e ocupou o décimo segundo lugar nas paradas de sucesso de 1974, ano de seu lançamento. O Bhagavad-Gita, por sua vez, é um texto hindu cujo significado é Sublime Canção, ou Canção de Deus ou Mensagem do Mestre. É um texto religioso, como também o são outros textos de diversas religiões pelo mundo. Ele conta uma história, a história da antiga epopéia hindu; seu texto está escrito na grande obra “Mahabarata”, que quer dizer Grande (maha) Índia (Bharata). Narra o diálogo entre Krishna, divindade que é umas encarnações de Vixnu, e Arjuna, que é seu discípulo guerreiro. [...] É muito interessante sabermos a respeito de outras crenças e religiões para respeitá-las como são e não torná-las como queríamos que fossem, ou para transformar aquilo que dizem em coisas que seriam mais aceitáveis para nós. Na canção, o que temos é a própria divindade que, no pensamento védico, se mistura de alguma forma com tudo que existe, pois tudo faz parte da divindade; por isso pode ser a vela que acende, a luz que se apaga, a pesca do pescador, a mão do carrasco, etc. Então se compreende que seja feito da terra, do fogo, da água e do ar, os quatro elementos básicos de tudo que é criado, desde os lugares onde se vive e até do que se é feito. A divindade é tudo no sentido de englobar todas as coisas, e nada escapa de seu ser. Temos assim a compreensão de muitas

⁴ SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuza Homem de. *A Canção no Tempo: 85 anos de músicas brasileiras – vol. 2: 1958-1985*. 6. ed. São Paulo: Editora 34, 2015. p. 225-227.



frases da canção, mesmo as iniciais: se nos perguntamos porque o deus é calado, no sentido de parecer ausente do mundo, inclusive naquilo que tem relação com o amor; não falo de amor quase nada, ele está em nós sem sabermos se é bom ou ruim, mas não estamos nele porque a liberdade nos encaminha para outros horizontes. Daí o ideal hinduísta não apenas de conformismo, já que é de lá a religião das castas sociais, mas de total submissão ao destino e a um universo completamente definido: ele é o início, o fim e o meio⁵.

2 Embora seja noite: Água Viva

A música *Água Viva*, é a quarta faixa do Long Play (LP), do lado A, com duração de 2:02; a ficha técnica da canção: Paulo Coelho e Raul Seixas – *Compositores*. Os músicos de estúdio nesta canção foram: Edmundo Maciel: *Trombone* / Emílio Baptista: *Saxofone Alto* / Formiga (José Pinto): *Trompete* / Genaldo Medeiros dos Santos: *Saxofone Barítono* / Gustavo: *Bateria* / Ivan Machado: *Baixo Elétrico* / João Jerônimo de Menezes: *Trompa* / José Barreto Sobrinho: *Trompete* / Mazzola: *Pandeiro* / Orquestra da Philips: *Cordas* / Raul Seixas: *Violão* / Zdenek Svab: *Trompa* / Zé Bodega (José de Araújo Oliveira): *Saxofone Tenor*. Os *arranjadores*: Miguel Cidras e Raul Seixas.

Carlos Eduardo B. Calvani afirma:

Raul Seixas não era antirreligioso, mas “multirreligioso”, constantemente inquieto, impressionado com o mistério da vida e consciente da existência de uma fonte de sentido além dessa instância em que vivemos. Sua religiosidade misturava tradição cristã (além de católico, sua primeira esposa, Edith, era filha de um missionário presbiteriano, professora de escola dominical e organista da igreja) e um interesse sempre manifesto pelas religiões orientais e pelos místicos. “Água Viva” é baseada num poema de São João da Cruz e “Sociedade Alternativa”, que se tornou um hino obrigatório do repertório de seus fãs, é baseado no lema de Santo Agostinho: “Ama e faze o que quiseres”, transformado em base programática de uma nova sociedade utópica⁶.

São João da Cruz (24/06/1542 – 14/12/1591), século XVI, nascido em Fontiveros, província de Ávila, falecido em Úbeda, na Espanha, foi

⁵ MANZATTO, Antonio. *Teologias e Literaturas 6 – Certas Canções: Música Popular Brasileira*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019. p. 166-169.

⁶ CALVANI, Carlos Eduardo B. *Teologia e MPB*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 214.



poeta, escritor e pregador, está sepultado no Convento dos Carmelitas Descalços, em Segóvia; foi canonizado no ano de 1726 e teve sua festa marcada para o dia de sua morte; em 1926, o Papa Pio XI o declarou *Doutor da Igreja*. Em 1952, foi declarado o padroeiro dos poetas espanhóis.

Seu nome de batismo era Juan de Yepes⁷. Ainda na infância, ficou órfão de pai, Gonzalo de Yepes, descendente de uma família rica e tradicional de Toledo. Mas, devido ao casamento, foi deserdado da herança. A jovem, Catarina Alvarez, sua mãe, era de família humilde, considerada de classe “inferior”. Assim, com a morte do marido, que a obrigou a trabalhar, mudou-se para Medina, com os filhos.

Naquela cidade, João tentou várias profissões. Foi ajudante num hospital, enquanto estudava gramática à noite num colégio jesuíta. Então, sua espiritualidade aflorou, levando-o a entrar na Ordem Carmelita, aos vinte e um anos. Foi enviado para a Universidade de Salamanca a fim de completar seus estudos de filosofia e teologia. Mesmo dedicando-se totalmente aos estudos, encontrava tempo para visitar doentes em hospitais ou em suas casas, prestando serviço como enfermeiro.

Ordenou-se sacerdote aos vinte e cinco anos, mudando o nome. Na época, pensou em procurar uma Ordem mais austera e rígida, por achar a Ordem Carmelita muito branda. Foi então que a futura santa Tereza de Ávila cruzou seu caminho. Com autorização para promover, na Espanha, a fundação de conventos reformados, ela também tinha carta branca dos superiores gerais para fazer o mesmo com conventos masculinos. Tamanho era seu entusiasmo que atraiu o sacerdote João da Cruz para esse trabalho. Ao invés de sair da Ordem, ele passou a trabalhar em sua reforma, recuperando os princípios e a disciplina.

João da Cruz encarregou-se de formar os noviços, assumindo o cargo de reitor de uma casa de formação e estudos, reformando, assim, vários conventos. Reformar uma Ordem, porém, é muito mais difícil que fundá-la, e João enfrentou dificuldades e sofrimentos incríveis, para muitos, insuportáveis. Chegou a ser preso por nove meses num convento que se opunha à reforma. Os escritos sobre sua vida dão conta de que abraçou a cruz dos sofrimentos e contrariedades com prazer, o que é só compreensível aos santos. Aliás, esse foi o aspecto da personalidade de João da Cruz que mais se evidenciou no fim de sua vida.

⁷ PAULINAS. *São João da Cruz*. Disponível em: <<http://www.paulinas.org.br/>>. Acesso em: 3 jun. 2019.



Conta-se que ele pedia, insistentemente, três coisas a Deus. Primeiro, dar-lhe forças para trabalhar e sofrer muito. Segundo, não deixá-lo sair desse mundo como superior de uma Ordem ou comunidade. Terceiro, e mais surpreendente, que o deixasse morrer desprezado e humilhado pelos seres humanos. Para ele, fazia parte de sua religiosidade mística enfrentar os sofrimentos da Paixão de Jesus, pois lhe proporcionava êxtases e visões. Seu misticismo era a inspiração para seus escritos, que foram muitos e o colocam ao lado de santa Tereza de Ávila, outra grande mística do seu tempo. Assim, foi atendido nos três pedidos.

Pouco antes de sua morte, João da Cruz teve graves dissabores por causa das incompreensões e calúnias. Foi exonerado de todos os cargos da comunidade, passando os últimos meses na solidão e no abandono. Faleceu após uma penosa doença, com apenas quarenta e nove anos de idade, no Convento de Ubeda, Espanha.

Deixou como legado sua volumosa obra escrita, de importante valor humanístico e teológico. E sua relevante e incansável participação como reformador da Ordem Carmelita Descalço.

O frade carmelita dizia que *somos aquilo que amamos*. Amar é se comprometer com algo novo, sem ficarmos repetindo velhas fórmulas e esquemas. É o amor por aquilo que somos e por aquilo que desejamos ser que sustenta e guia nossos passos na busca incansável de um futuro melhor. Seguir Jesus de Nazaré é amar sem medida, é se comprometer até as últimas consequências. Se amamos a Jesus de Nazaré, não temos outra escolha que não seja a de seguir seu exemplo e optar pelos pobres; e defender a vida!

Após esta breve apresentação de São João da Cruz, apresentamos o poema de sua autoria *Cantar da Alma que se regozija de conhecer a Deus pela Fé* e um ponto de vista a partir deste.

Dora Ferreira da Silva diz:

Tecido no radicalismo evangélico, o cerne da mensagem de Juan é a Libertação: a purificação dos vínculos que retêm o formidável ímpeto da criatura para o seu Criador. A procura do Nada em função do Tudo que é o Amor divino, esta a mensagem do santo místico.

[...] Juan de la Cruz é o místico da antimediação, da desconfiância pela intermediação, da imediatez da união, da descida ao abismo noturno da própria alma onde Deus está imanente, o metafísico do despojamento enriquecedor.



A vida mística é um mistério da união da alma com Deus, união que, no contexto cristão, é concedida pela graça. [...] O que define realmente o místico é a experiência intensa do divino na alma, na jubilação da presença ou na aridez da ausência, sendo esta última uma forma paradoxal e dolorosa do mostrar-se divino. Entretanto, este movimento de entrega ao cerne numinoso da interioridade determina uma atividade que não se vangloria de si mesma, porque seu centro é a própria impulsão do espírito⁸.

<p align="center">Cantar da Alma que se regozija de conhecer a Deus pela Fé (São João da Cruz)</p>	<p align="center">Água Viva (Raul Seixas / Paulo Coelho)</p>
<p>Que bem sei eu a fonte que mana e corre, mesmo de noite!</p> <p>¹ Aquela eterna fonte está escondida. Que bem sei eu onde tem a sua ermida mesmo de noite!</p> <p>² Sua origem não conheço, não a tem mas bem sei que toda origem dela vem mesmo de noite.</p> <p>³ Sei que não pode haver coisa tão bela, que todo o céu e a terra bebem dela mesmo de noite.</p> <p>⁴ Bem sei que não se acha leito nela e que ninguém consegue vadeá-la mesmo de noite.</p> <p>⁵ Sua claridade nunca é escurecida e nela toda luz foi incendiada mesmo de noite.</p> <p>⁶ Que impetuosas são suas correntes, regando infernos, céus e toda a gente mesmo de noite.</p> <p>⁷ E desta fonte nasce uma corrente bem sei como é capaz e onipotente mesmo de noite.</p> <p>⁸ A corrente que das duas procede bem sei que uma à outra não precede mesmo de noite.</p> <p>⁹ E esta eterna fonte está escondida no vivo pão do altar e nos dá vida mesmo de noite.</p>	<p>Eu conheço bem a fonte que desce daquele monte ainda que seja de noite</p> <p>Nessa fonte tá escondida o segredo dessa vida ainda que seja de noite</p> <p>“Êta” fonte mais estranha que desce pela montanha ainda que seja de noite</p> <p>Sei que não podia ser mais bela, que os céus e a terra bebem dela ainda que seja de noite</p> <p>Sei que são caudalosas as correntes que regam céus, infernos, regam gentes ainda que seja de noite</p> <p>Aqui se está chamando as criaturas que desta água se fartam mesmo às escuras ainda que seja de noite</p> <p>Ainda que seja de noite...</p> <p>Eu conheço bem a fonte que desce daquele monte ainda que seja de noite</p> <p>Porque ainda é de noite no dia claro dessa noite!</p> <p>Porque ainda é de noite no dia claro dessa noite!</p>

⁸ SILVA, Dora Ferreira da. *A Poesia Mística de San Juan de la Cruz*. São Paulo: Cultrix, 1984. p. 105-107.



¹⁰ Aqui se está chamando as criaturas
e desta fonte bebem às escuras
porque é de noite.

¹¹ É esta a viva fonte que desejo
e neste pão de vida eu a vejo
mesmo de noite.

No diálogo entre a Teologia e a Literatura, Poesia e Teologia, precisa-se de uma mediação hermenêutica, tudo precisa ser interpretado, afinal tudo é texto. Para São João da Cruz o poema é um cantar da alma que se regozija de conhecer a Deus pela fé, embora seja noite, é o Criador que se faz fonte que mana, que está escondida, de origem desconhecida, que é bela, que todos dela bebem, que é funda, mas não se atravessa por inteira, sua claridade nunca é escurecida, suas correntes caudalosas regam céus, infernos e gentes, que procede mas não é precedida, é eterna fonte e é Pão que dá a vida, onde todas as criaturas podem se fartar, pois é água e também Pão de vida.

São imagens que se complementam: a fonte, o pão, a água; eis a presença do Criador que liberta, que insiste em realizar sua obra salvífica; sabe que à noite não se caminha, porque não se vê o caminho; suas criaturas descansam. Embora seja noite, o desejo de conhecer, de experimentar, de estar frente a frente com Deus é maior do que qualquer outra vontade. Por isso a noite já não assusta, a escuridão já adaptou-se ao olhar; os barulhos e ruídos ao redor não apavoram mais; os olhos se fecham e abrem-se as janelas do coração e da alma. Ao auscultar e sentir a presença divina, o poeta compreende com olhar novo o que significa estar e qual é o seu papel no mundo.

Fazer uma poesia, uma canção, que chegue profundamente ao coração e à alma do ser humano, não é tarefa fácil; porém, eles conseguiram fazer com que permanecesse através do tempo. Pode não ser a grande obra de ambos os autores, mas não há como deixá-las de lado quando são citados. Cada um na sua época soube explorar o verdadeiro significado da palavra liberdade, embora fosse noite: difamações, perseguições, prisões.

A importância do poema de São João da Cruz, mexeu nos alicerces da dupla Seixas/Coelho, a ponto de transformar o poema numa canção popular, em português, tentando conservar o espírito do poema. Conseguiram experimentar aquela energia interna que nos potencializa a seguir em frente, enfrentando os problemas, construindo pontes.



Raul Seixas⁹ irá dizer de forma bem-humorada:

Essa música se chama Água Viva e fala do homem. Como estamos na fase do novo ressurgimento do homem ela fala sobre esse potencial que nós temos; que é o homem, a vida, essa energia que a gente tem dentro: cada homem e cada mulher é uma estrela, e gira em torno de si uma espécie de individualismo, mas um individualismo no bom sentido, um individualismo cósmico... eu não gosto dessa palavra cósmico porque é palavra que não define nada. Mas... a música é muito bonita escrita por mim e por Paulo Coelho baseada em San Juan de La Cruz. Que foi um grande espiritualista, e como San Juan de La Cruz já morreu há muito tempo, a gente cita o nome dele porque ele já não pode receber os direitos autorais...fica bem né...

O que une Raul Seixas a São João da Cruz é o desejo profundo por libertação!

O amor divino para São João da Cruz o liberta das correntes que não o deixam viver em plenitude o serviço ao Deus da Vida. O lugar de Jesus de Nazaré na caminhada mística carmelita é essencial, fundamental, mas de forma alguma ofusca a busca da união com Deus.

Para Raul Seixas, do que se presume ao escutar sua obra várias vezes, em especial, nesta adaptação do poema de São João da Cruz, é o amor pela sabedoria: filosofia. Uma filosofia de vida radical, que contrastava com o *status quo* da época. Raul Seixas conhecia o sistema e sabia se aproveitar dele, para que pudesse semear palavras que destruíssem o próprio sistema de dentro para fora. No fundo, o grito de liberdade estava preso na garganta.

Para ambos, libertação é mais do que uma palavra, é por si mesma uma metamorfose, uma revolução. Um amor que incomoda. Pedro Casaldáliga tem uma frase que ilustra bem isso: “*Ser amável com todos*

⁹ Segundo Sylvio Passos, amigo, parceiro e fundador do Raul Rock Club – RRC, o disco *Se o Rádio não Toca... Inédito – Ao Vivo – Brasília 74*, lançado em LP e CD pela Gravadora Eldorado, em 1994, é um disco ao vivo e póstumo; é uma raridade, um registro histórico em seu formato original: uma fita de rolo 7 ½ ips, que lhe foi entregue por Raulzito. De um show em Brasília, no ano de 1974, período em que o Brasil vivia sob forte repressão da ditadura militar. No disco encontra-se canções de álbuns anteriores de Raul Seixas e algumas canções que só haviam saído em compactos simples ou que estavam sendo lançadas naquele momento. Coincidentemente a canção *Água Viva* é a quarta música do álbum, mesma posição do álbum *Gita*.



*é mais fácil, mais cômodo, que ser honestamente profético com todos. Amar também é incomodar*¹⁰.

3 Rebeldia: Poesia e Teologia em diálogo

Rubem Alves afirmava que os poetas têm reconhecido desde sempre o seu parentesco com os mágicos, pois a poesia é metamorfose, é transformação, é alquimia; vivendo assim muito próxima da magia e da religião. Os poetas sabem o segredo da magia. Eles lidam com as palavras como entidades mágicas. Em suma: a poesia é a linguagem daquilo que não pode ser dito. Ela diz sem dizer: metáforas. Aquilo que o poema diz não está presente nas suas palavras. Na verdade, o poeta não sabe o que ele está dizendo. Como as mãos vazias em concha: elas podem conter a água no seu vazio, mas nada sabem sobre a água. Poesia é me dizer sem dizer. A exegese e a hermenêutica vêm em auxílio do poeta. Desejam salvá-lo de sua perturbação linguística. Elas trarão luz para a obscuridade. O sentido será preservado e a confusão acabará. A imagem poética não necessita de nenhum conhecimento. Ela não é o eco de um passado. É antes o inverso. A poesia é uma única palavra grávida com sentidos imprevisíveis; uma única palavra que se abre para horizontes infinitos; não sabendo do que se fala; ela é ser e não fazer¹¹.

A Poesia nos religa ao Transcendente. Esse também é o papel exercido pela Teologia. Ela procura sempre o melhor caminho para se chegar a Deus, para se estar perto de Deus, para compreender a mensagem de Deus e colocá-la em prática. Evidentemente, ouvir e ler a mensagem de Deus com olhos e ouvidos de um poeta não é tarefa fácil. É um longo processo de despojamento e de abertura para o diferente. A rebeldia do encontro, do respeito e do diálogo entre Teologia e Poesia, Teologia e Literatura está no fato de que tudo que é importante para a Poesia e para a Literatura, é importante também para a Teologia.

Enquanto ciência da fé, é preciso reconhecer sua evolução, reconhecer que seu caráter é eminentemente antropológico. O ser humano está no centro da Teologia que diz quem é Deus para o ser humano e quem é o ser humano para Deus à luz da fé.

¹⁰ TAVARES, Ana Helena. *Um Bispo contra todas as cercas: a vida e as causas de Pedro Casaldáliga*. Rio de Janeiro: Gramma, 2019. p. 41.

¹¹ Cf. ALVES, Rubem A. *O Poeta, o Guerreiro, o Profeta*. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 91; 95.



Enquanto arte, a Literatura é gratuita; um meio de expressão que visa a uma comunicação. Enquanto arte, a Poesia é gratuita; um meio de expressão que visa a uma comunicação. Ambas comunicam. Não falam somente à razão mas ao ser humano por inteiro.

Sabidamente Jean-Paul Sartre dizia que o escritor lida com os significados. O império dos signos é a prosa; a poesia está lado a lado com pintura, a escultura, a música. A poesia não se serve de palavras; ela as serve. Os poetas se recusam a utilizar a linguagem; eles não falam, nem se calam. O poeta se afastou por completo da linguagem-instrumento; escolheu de uma vez por todas a atitude poética que considera as palavras como coisas e não como signos¹².

Há beleza e verdade em todo e qualquer conhecimento, e com a obra de Raul Seixas não seria diferente. Trinta anos depois da sua morte, é maravilhoso poder analisar rapidamente uma de suas canções, que não tocou nas rádios, mas que por conta de inúmeras pessoas que amam, veneram, idolatram o roqueiro baiano. *Água Viva* apareceu nas rodas de conversas e violão nos botecos, em alguma programação de rádio pela madrugada; o uso desta canção de Raulzito a partir do viés teológico não é absurdo, pelo contrário; a mensagem de suas composições vai ao encontro da mensagem que a Teologia da Libertação imprimiu a partir de 1971 até os dias atuais.

A Teologia da Libertação se orienta na defesa e na promoção da vida em todas as suas dimensões, partindo sempre daqueles que possuem suas vidas ameaçadas. A Teologia da Libertação é uma teologia do Reino de Deus, que se desenvolve a partir da fraternidade e da solidariedade humana, opções claras de Jesus de Nazaré nos evangelhos.

Em breve a Teologia da Libertação estará completando 50 anos de existência. Momento de resgatá-la, experimentar de suas intuições primeiras, um retorno às fontes. Alguns passos já estão sendo dados nesta direção, como aponta Victor Codina:

No nível eclesial também se evoluiu desde a primavera eclesial do Concílio Vaticano II, simbolizada por João XXIII e Paulo VI, ao duro inverno eclesial dos anos de João Paulo II e Bento XVI, com fortes críticas à TdL. Atualmente se experimenta uma nova primavera eclesial inaugurada por Francisco com a proposta de uma Igreja pobre e para

¹² Cf. SARTRE, Jean-Paul. *O que é Literatura?* Ed. rev. amp. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 18-19.



*os pobres, com portas abertas, que sai às ruas, hospital de campanha para curar feridas, com pastores que estejam no meio do povo e que cheiram a ovelha e que não sejam príncipes nem capatazes, uma Igreja profética que diz não à idolatria do dinheiro e ao sistema atual que mata as personas e destrói a natureza. Francisco deseja reformar a Igreja, recentrando-a de novo na alegria do encontro com Jesus e o desejo de anunciar ao mundo a boa nova do evangelho*¹³.

Para a Teologia da Libertação, por exemplo, a letra de *Água Viva* é um texto que aponta para a salvação, que é Jesus de Nazaré; metaforicamente, a fonte: “*Amém, amém, eu te digo: quem não nascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus*” (Jo 3,5); “*Se conhecesses o dom de Deus e quem é aquele que te diz: ‘Dá-me de beber’, tu lhe pedirias e ele te daria água viva*” (Jo 4,10).

Conclusão

No Brasil, ainda não temos o costume de refletir ou nos aproximar teologicamente a partir das letras das músicas populares.

O diálogo entre Teologia e Literatura está consolidado, sendo um leque de inúmeras possibilidades; na base está o método antropológico, onde a Teologia e a Literatura dialogam no chão da humanidade: a realidade antropológica sempre a partir do humano. O método da correlação, que toma os elementos da obra literária e os relaciona com elementos da Teologia, com suas similaridades ou diferenças: uma Teologia da Cultura. O método da teopoética, que busca refletir o pensamento místico a partir de textos poéticos. A relação é ampla, principalmente com o mistério. A teopoética busca reflexões místicas e teológicas, nela cabem muitas intuições e reflexões. O método da comparação, onde os modelos literários são comparados com modelos teológicos, religiosos, culturais, etc. A diversidade de todos estes métodos produz bons frutos.

A poesia é a ponte que nos aproxima do sagrado, quando todas as outras pontes estão interdidas. A poesia não possui fronteiras. A poesia nos ensina a voar quando nossos pés não conseguem mais experimentar o chão. A poesia tem o poder de neutralizar a polarização, em dizer sem ofender e desmerecer verdades necessárias, tem o poder de conciliar, que toca no sagrado e não em convenções.

¹³ CODINA, Víctor. Nuevos desafíos de la Teología de la Liberación. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 48, n. 2, p. 229-243, maio/ago. 2016, p. 229-243.



Há de fato uma ponte, uma aproximação que nos permite entender esta ligação entre Teologia e Literatura. Uma não será reduzida ao mesmo tamanho da outra para possibilitar o diálogo. Ambas possuem um poder de provocação e de revelação do ser humano. No mais profundo da vida podem encontrar Deus.¹⁴

Antonio Manzatto lembra-nos que a salvação que Deus oferece ao ser humano consiste em sua humanização e na partilha da própria vida divina. Deus é diferente do ser humano, mas não distante nem separado dele. Por isso, para que o ser humano aproxime-se de Deus não é necessário que ele deixe de ser humano, mas é exatamente ao viver sua humanidade que ele pode aproximar-se do Deus que o criou e que quer sua felicidade eterna.¹⁵

Conclui-se que Raul Seixas soube, juntamente com Paulo Coelho, captar o que havia de melhor no poema de São João da Cruz, interpretá-lo, atualizando-o no cotidiano de uma sociedade mergulhada em uma sangrenta e maldita ditadura militar. Ao transformar o poema em canção, Raulzito, consciente ou inconscientemente, aproximou seus fãs daquilo que é mistério, daquilo que é divino. Esse mistério divino é seu aliado na busca da felicidade. Ao cantar uma mensagem profundamente permeada de vida, em uma realidade de morte, sua voz e os acordes de sua guitarra vermelha espalharam os ares da liberdade, que acompanharia os anseios do povo brasileiro até o ano de 1985 quando terminaria oficialmente a ditadura militar no Brasil, vinte e um anos depois do golpe de 1964. Ao entoar *Água Viva*, o Maluco Beleza profetizava o ser humano na História, não fora dela, é sujeito de sua própria vida, por isso não pode viver só, mas de forma coletiva. O utópico sonho da sociedade alternativa. Na busca da felicidade e da liberdade, todo ser humano é convidado a compreender o mistério de sua própria humanidade. Embora seja noite possamos novamente cantar: “*Aqui se está chamando as criaturas que desta água se fartam mesmo às escuras ainda que seja de noite. Ainda que seja de noite...*”.

As canções de Raul Seixas não são ficção científica ou fantasias. São códigos a serem ainda decifrados, agora pela Teologia. Nestes 30 anos, desde sua morte, elas foram cada vez mais cantadas e refletidas por

¹⁴ SBARDELOTTI, Emerson. *A Opção pelos Pobres na Poesia de Patativa do Assaré*. São Paulo: Fonte Editorial, 2018. p. 209-210.

¹⁵ MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994. p. 355.



vieses diferentes: filosófico, sociológico, psicológico, etc; com certeza, pela fidelidade de seus fãs e de seus covers espalhados por todo o país, manteve-se, viva e presente a sua memória e personagem na memória de inúmeras pessoas, algumas que não o conheceram quando estava entre nós. Suas músicas são metáforas, análises da realidade, profecias que não nos deixam acomodados, pelo contrário incomoda-nos de forma prazerosa, fazendo-nos pensar que *sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só...mas sonho que se sonha junto é realidade*¹⁶. Elas estão aí para lembrar-nos sempre que as angústias e as alegrias caminham juntas, porém, é preciso *ser uma metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo*¹⁷.

Por não ter uma opinião formada sobre tudo, por acreditar que a canção não está perdida, que além dos velhos preconceitos morais, dos calabouços e bruxas e temporais, termino esta reflexão, com uma música que compus para homenagear Raul Seixas, nestes 30 anos de saudades, tentando elaborar um retrato daquele que foi sem dúvida um dos maiores questionadores da sociedade brasileira. Toca Raul!

BAIANO ROCK N ROLL

(Emerson Sbardelotti)

Baiano rock n roll
Que canta suas angústias e alegrias
Faz do amor
A mais pura de todas as filosofias
Encanta com o seu pensar
Encanta com a sua poesia
Dias tão obscuros
Da nossa vã escrita
Tantas minas perdidas
Tantos ouros tolos
De discos voadores distantes
Não somos mais o que éramos antes
Ainda canto as suas profecias

¹⁶ RAUL SEIXAS. Prelúdio. Intérprete: Raul Seixas. In: *Gita* – Raul Seixas. São Paulo: Phillips, 1974, 1 LP, faixa 4.

¹⁷ RAUL SEIXAS. Metamorfose Ambulante. Intérprete: Raul Seixas. In: *Krig-há, Bandolo!* São Paulo: Phillips, 1973, 1 LP, faixa 3.



Minha dentadura
essa ainda é rock baião
mas é postiça
Raulzito e Raul
O mesmo homem Seixas
Baiano rock n roll
Suas mulheres e suas queixas

Referências

- ALVES, Rubem A. *O Poeta, o Guerreiro, o Profeta*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- CALVANI, Carlos Eduardo B. *Teologia e MPB*. São Paulo: Loyola, 1998.
- CODINA, Victor. Nuevos desafíos de la Teología de la Liberación. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 48, n. 2, p. 229-243, maio/ago. 2016.
- MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994.
- MANZATTO, Antonio. *Teologias e Literaturas 6 – Certas Canções: Música Popular Brasileira*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.
- PAULINAS. *São João da Cruz*. Disponível em: <<http://www.paulinas.org.br/>>. Acesso em: 3 jun. 2019.
- SARTRE, Jean-Paul. *O que é Literatura?* Ed. rev. amp. Petrópolis: Vozes, 2015.
- SBARDELOTTI, Emerson. *A Opção pelos Pobres na Poesia de Patativa do Assaré*. São Paulo: Fonte Editorial, 2018.
- SEVERIANO, Jairo. MELLO, Zuza Homem de. *A Canção no Tempo – 85 anos de músicas brasileiras – vol. 2: 1958-1985*. 6. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.
- SILVA, Dora Ferreira da. *A Poesia Mística de San Juan de la Cruz*. São Paulo: Cultrix, 1984.
- TAVARES, Ana Helena. *Um Bispo contra todas as cercas: a vida e as causas de Pedro Casaldáliga*. Rio de Janeiro: Gramma, 2019.